

SEM-TETO, ARQUITETURA E ARTE

UM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA EM SITUAÇÕES DE CRISE

Vanessa Ribeiro de Amorim ¹

RESUMO: O problema da falta de moradia tem se revelado ainda mais urgente diante da atual conjuntura de pandemia. Os pontos levantados são abarcados por inteiro por conceitos presentes nas obras “Ensaio sobre a cegueira”, do escritor José Saramago; e “Breathing in, Breathing out”, dos artistas Marina Abramovic e Ulay. Eles trazem à tona nossa irrecusável constatação de problemas sociais preexistentes, e a ideia de responsabilidade coletiva, de relações de causa e efeito e de trocas constantes que nos permeiam. Sobre a atuação da arquitetura, é lançado um olhar crítico, que discute sua falta de protagonismo durante crises e sua estrutural ausência dentre as classes mais baixas.

PALAVRAS-CHAVE: sem-teto; literatura; performance; arquitetura.

¹> Arquiteta e urbanista graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem como uma de suas áreas de atuação a luta por moradia.
E-mail: ribeiroavanessa@outlook.com

“Por que foi que cegámos,
Não sei, talvez um dia se
chegue a conhecer a razão,
Queres que te diga o que
penso, Diz, Penso que
não cegámos, penso que
estamos cegos, Cegos que
veem, Cegos que, vendo,
não veem.”

José Saramago,
em *Ensaio sobre a cegueira*

Nas últimas semanas, se tornou frequente a comparação do atual contexto mundial com o romance *Ensaio sobre a Cegueira*, obra do escritor português José Saramago. Nas mídias sociais, há diversas postagens com as hashtags “#EnsaioSobreaCegueira”, “#Saramago” e “#Blindness” (título da obra em língua inglesa), de pessoas de diversos países.

A alusão é completamente cabível, já que a distópica obra narra uma epidemia de cegueira e seus desdobramentos. Enquanto a cegueira rapidamente se alastra, as pessoas são submetidas compulsoriamente a quarentena, sob condições de insalubridade e desamparo. Socialmente, o colapso é quase absoluto: as condições de vida, de sanidade e de integridade degradam-se pavorosamente em um curto período. Assim, Saramago expõe o que há de mais visceral em nós, humanos.

Com a licença dos que se lembraram da obra, contudo, não é a epidemia em si a consistente conexão da obra com o momento presente. A atual pandemia nos forçou a ver o que, vendo, não víamos, até agora: nossa cegueira social. Temos nos tornado cientes de que criamos um mundo em que, por vezes, se vive de forma inaceitável. Então, a menos que deliberadamente posicionemos vendas sobre os olhos, podemos perceber as falhas no modo como nos estabelecemos social, política e economicamente. Embora elas sejam diversas e intrincadas, a pauta da falta de moradia merece especial atenção.

Pessoas sem-teto, especialmente as que se encontram em situação de rua, são especialmente vulneráveis à infecção pelo novo coronavírus. De acordo com o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC, 2020, p. 4) [Centro de Controle e Prevenção de Doenças - CDC], as chances de desenvolverem infecções com gravidade de moderada a severa são maiores, pelas más condições prévias de saúde.

Para enfrentar essa calamidade, diferentes medidas foram adotadas por países e cidades. Em Londres, por exemplo, parte da população tem sido acomodadas em hotéis. Porém, essa e outras medidas têm se mostrado insuficientes, por vezes, apresentam graves precariedades sanitárias. Por exemplo, algumas acomodações não atendem às medidas de prevenção recomendadas pelos CDC. Diante desses problemas, aos que não vão para as acomodações, ou por opção ou por falta de oferta, muitas vezes resta o medo. Algumas cidades (como Anaheim, na Califórnia), possuem legislações que criminalizam os sem-teto.

Outro aspecto que a cegueira social vinha nos ocultando é que há, entre todos nós, profundas inter-relações. Tais relações são brilhantemente expressadas na performance *Breathing in, Breathing out*, de Marina Abramovic e Ulay. (Figura 01). De joelhos, ambos unem as bocas e iniciam uma troca contínua de respiração. Com as narinas tapadas por filtros de cigarro, Ulay é o primeiro a inspirar, e exala o ar da sua boca para a de Marina. Ela, então, inala o dióxido de carbono, e o devolve para a boca de Ulay. Esse movimento dura dezenove minutos, até quase desmaiarem pela falta de oxigênio. No microcosmo, a performance replica os fluxos de troca e de causa e efeito que nos permeiam no macrocosmo. Assim como os iogues veem, as leis da natureza são uniformes; o que está sendo levado a efeito numa esfera se repete nas demais (VIVEKANANDA, 1967, p. 107).



Figura 1: Performance *Breathing in, Breathing out*, de Marina Abramovic e Ulay, em 1977. No microcosmo, ela reproduz os fluxos de troca e de causa e efeito que há em maiores esferas. Fonte: The Art Zoo.

O impacto do individual sobre o coletivo torna-se ainda mais evidente quando o trazemos para o caso das medidas que vem sendo implementadas no contexto da pandemia. “Achatando a curva”, as ações de distanciamento social, de quarentena e de isolamento que vem sendo aplicadas no mundo não visam apenas o resguardo pessoal, mas sobretudo o coletivo. Tais medidas demandam a permanência da população em casa. Entretanto, como pessoas sem-teto farão isso?

Em sua última pesquisa global, em 2005, a Organização das Nações Unidas (2005, p. 6) estimou que aproximadamente 100 milhões de pessoas em todo o mundo não tinham moradia. Embora não haja um consenso internacional (e, no caso do Brasil, nem mesmo nacional), sobre a definição de “sem-teto”, de modo geral o termo pode se referir a pessoas que estão em situação de rua ou que vivem em acomodações; em instituições; em habitações não-convencionais; e em habitações convencionais de modo instável, com família e amigos, devido à falta de moradia.

Além disso, a ONU (2005, p. 7) calculou que mais de 1 bilhão da população mundial morava de maneira precária. Isso significa que uma parcela expressiva da população mundial vive em lugares com alta densidade por dormitório ou cômodo, com métodos construtivos inadequados, sem saneamento básico e sem outras infraestruturas urbanas, dentre outras precariedades. Em tais circunstâncias, as condições para protegerem a si mesmos e aos outros são precárias, para não dizer inviáveis. Então, a falta de moradia, além de ser um problema que traz muito sofrimento aos seus alvos, agora mostra-se ainda mais como um problema coletivo.

Embora não de forma exclusiva, a questão da (falta de) moradia está diretamente ligada ao papel da arquitetura. Arquitetura, edifícios, moradia, cidade e, finalmente, pessoas, estão todos vinculados. Porém, onde se encontra a arquitetura para os que normalmente não têm acesso a ela? Além disso, onde está a arquitetura para os momentos críticos?

Exceto por alguns arquitetos (como, por exemplo, os vencedores do *Pritzker*, o mais importante prêmio da arquitetura, Shigeru Ban e Alejandro Aravena), movimentos sociais e outras organizações, a resposta da arquitetura aos momentos de emergência ainda é escassa. David Sanderson, professor da Universidade de Nova Gales do Sul, em Sydney, e especialista em resiliência a desastres urbanos e auxílio humanitário, analisa que os arquitetos são ensinados a se concentrar no produto (que pode ser um edifício) e não no processo (que envolvem pessoas), tendo um papel marginal em situações de crise.

Entretanto, além desses momentos, é preciso que a arquitetura também atue na “normalidade”. Frequentemente restrita às classes mais abastadas, a arquitetura deve estar presente para quem normalmente não tem acesso a ela, adentrando os territórios populares e as camadas mais marginalizadas, como os sem-teto. Além de trazer benefícios para toda a sociedade, ainda poderia mitigar os efeitos dos eventos penosos (que, como nos mostra a história, eventualmente vêm).

Mesmo assim, as respostas não se encontram apenas no escopo da arquitetura. Elas requerem engajamento em outras camadas, e a níveis sociais e políticos. Já em 1872, a descrição de Friedrich Engels (2015, p. 67) para a questão do déficit de moradia, presente no livro *Sobre a questão da moradia*, coincidia em grande parte com o cenário contemporâneo. Como Slavoj Žižek (2020), filósofo e diretor internacional do *Birkbeck Institute for the Humanities* da Universidade de Londres, colocou recentemente, a questão atual exige a modificação dos nossos sistemas econômicos e sociais como um todo.

A falta de moradia é uma das várias — e agora ainda mais visíveis — manifestações da grave configuração social que nós criamos, e que clama por respostas urgentes. As interrelações que nos permeiam, representadas nos campos individuais por Marina e Ulay, demonstram nosso impacto sobre o todo, que é também nossa responsabilidade sobre as circunstâncias. Dissipada nossa cegueira, nem ao menos somos quem fomos. O mundo tal qual construímos nos trouxe até aqui. Para ele, não deve haver mais volta.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAN, Shigeru. et al. Arq. Futuro: cidades resilientes: respostas imediatas em situações de crise. 1. ed. São Paulo: BEI Comunicação, 2015.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. Interim Guidance for Responding to Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) among People Experiencing Unsheltered Homelessness. 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/downloads/COVID19_Homeless-H.pdf>. Acesso em: 26 mar 2020.

ENGELS, Friedrich. Sobre a questão da moradia. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

OECD. Organisation for Economic Co-operation and Development. HC3.1 Homeless Population. 2020. Disponível em: <<https://www.oecd.org/els/family/HC3-1-Homeless-population.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2020.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIVEKANANDA, Swami. Raja Yoga. 2. ed. Rio de Janeiro: Vedanta, 1967.

UNITED NATIONS. Economic and Social Council. Report of the Special Rapporteur on adequate housing as a component of the right to an adequate standard of living, Miloon Kothari. 2005, p. 6. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G05/117/55/PDF/G0511755.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 26 mar 2020.

ZIZEK, Slavoj. Biggest threat Covid-19 epidemic poses is not our regression to survivalist violence, but barbarism with human face. Mar. 2020. Disponível em: <<https://www.rt.com/op-ed/483528-coronavirus-world-capitalism-barbarism/>>. Acesso em: 26 mar 2020.